



SEÇÃO LIVRE

Ecoss da modernidade: volatilidade amorosa em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Echoes of modernity: romantic volatility in Posthumous Memoirs of Brás Cubas

Ecoss de la modernidad: la volatilidad romántica en Memórias póstumas de Brás Cubas

Maria Clara Firmino da Silva¹

orcid.org/0000-0002-2286-6804

mariaclara.silva.2021@alunos.uneal.edu.br

Helenice Fragoso dos Santos¹

orcid.org/0000-0001-7845-2320

helenice.fragoso@uneal.edu.br

Recebido em: 12 jun. 2025.

Aprovado em: 14 jan. 2026.

Publicado em: 09 mar. 2026.

Resumo: Na atualidade, tem-se observado, dentre as características dos relacionamentos, que quase sempre se apresentam de maneira volátil e efêmera: os casais se relacionam sem compromisso, afastando-se dos papéis tradicionais que visavam a um compromisso genuíno e duradouro. Por isso, o presente trabalho tem como objetivo identificar na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* traços da fragilidade das relações amorosas por meio dos relacionamentos do personagem Brás Cubas. Quanto à metodologia, optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa e, em relação aos procedimentos técnicos, utilizamos o método bibliográfico. Para realizar este intento, buscamos apoio nos instrumentos basilares de Bauman (2001, 2004), Bosi (2006), Bourdieu (2007), Gomes e Barros (2019), Leal (2022), Ramos (2003) e Silva (2018), entre outros. Parte-se da hipótese de que, mesmo sendo um romance escrito no século XIX, possa refletir acerca de temáticas atemporais, como as relações interpessoais, questões humanas, que sempre merecem reflexões. A intenção é investigar vestígios na narrativa que demonstrem essa volatilidade das relações amorosas e correlacioná-los com as concepções do sociólogo Zygmunt Bauman, uma vez que o romance machadiano funciona como um prenúncio dos preceitos defendidos por Bauman. Dessa forma, trazer à tona discussões sobre a instabilidade nas relações amorosas e também possibilitar uma reflexão acerca da antecipação, na narrativa machadiana, da visão de Bauman sobre a fluidez das relações contribui significativamente para a comunidade científica que volve seu olhar para a literatura brasileira. As discussões aqui apresentadas estão organizadas em duas seções, além dos elementos pré-textuais e pós-textuais, a saber: "Fluidez das relações" expõe algumas discussões acerca da fluidez das relações; a segunda seção apresenta a análise de dados, intitulada: "O vazio do afeto: simbolizações do amor em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*".

Palavras-chave: fragilidade das relações; simbolizações do amor; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Abstract: Currently, it has been observed that relationships are almost always volatile and ephemeral: couples engage in relationships without commitment, moving away from traditional roles that aimed at genuine and lasting commitment. Therefore, this study aims to identify traces of the fragility of romantic relationships in the work *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (*Posthumous Memoirs of Brás Cubas*) through the relationships of the character Brás Cubas. Regarding methodology, we opted for qualitative research and, in relation to technical procedures, we used the bibliographic method. To achieve this, we sought support in the basic instruments of Bauman (2001, 2004), Bosi (2006), Bourdieu (2007), Gomes and Barros (2019), Leal (2022), Ramos (2003) and Silva (2018), among others. We start from the hypothesis that, even though it is a novel written in the 19th century, it can reflect on timeless themes, such as interpersonal relationships and human issues, which always deserve reflection. The intention is to investigate traces in the narrative that demonstrate this volatility in romantic relationships and correlate them with the concepts of sociologist Zygmunt Bauman, since Machado's novel serves as a harbinger of the precepts defended by Bauman. Thus, bringing to light discussions about instability in romantic relationships and also enabling



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

reflection on the anticipation, in Machado's narrative, of Bauman's view on the fluidity of relationships contributes significantly to the scientific community that turns its gaze to Brazilian literature. The discussions presented here are organised into two sections, in addition to the pre-textual and post-textual elements, namely: "Fluidity of relationships" presents some discussions about the fluidity of relationships; the second section presents the data analysis, entitled: "The emptiness of affection: symbolisations of love in *Memórias Póstumas de Brás Cubas*".

Keywords: fragility of relationships; symbolisations of love; *Posthumous Memoirs of Brás Cubas*.

Resumen: En la actualidad, se ha observado que las relaciones suelen ser volátiles y efímeras: las parejas se relacionan sin compromiso, alejándose de los roles tradicionales que buscaban un compromiso genuino y duradero. Por ello, el presente trabajo tiene como objetivo identificar en la obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* rasgos de fragilidad en las relaciones amorosas a través de las relaciones del personaje Brás Cubas. En cuanto a la metodología, optamos por una investigación de naturaleza cualitativa y, en relación con los procedimientos técnicos, utilizamos el método bibliográfico. Para llevar a cabo este intento, buscamos apoyo en los instrumentos básicos de Bauman (2001, 2004), Bosi (2006), Bourdieu (2007), Gomes y Barros (2019), Leal (2022), Ramos (2003) y Silva (2018), entre otros. Partimos de la hipótesis de que, a pesar de ser una novela escrita en el siglo XIX, puede reflejar temas atemporales, como las relaciones interpersonales y las cuestiones humanas, que siempre merecen ser reflexionadas. La intención es investigar los vestigios en la narrativa que demuestran esta volatilidad de las relaciones amorosas y correlacionarlos con las concepciones del sociólogo Zygmunt Bauman, ya que la novela machadiana funciona como un presagio de los preceptos defendidos por Bauman. De este modo, sacar a relucir debates sobre la inestabilidad en las relaciones amorosas y también permitir una reflexión sobre la anticipación, en la narrativa machadiana, de la visión de Bauman sobre la fluidez de las relaciones contribuye significativamente a la comunidad científica que dirige su mirada hacia la literatura brasileña. Las discusiones aquí presentadas se organizan en dos secciones, además de los elementos pretextuales y posttextuales, a saber: «Fluidez de las relaciones» expone algunas discusiones sobre la fluidez de las relaciones; la segunda sección presenta el análisis de datos, titulado: «El vacío del afecto: simbolizaciones del amor en *Memórias Póstumas de Brás Cubas*».

Palabras clave: fragilidad de las relaciones; simbolismos del amor; *Memorias póstumas de Brás Cubas*.

1 Introdução

Atualmente, tem-se observado uma alteração na maneira pela qual as pessoas se relacionam, precipuamente no que se refere ao uso de aplicativos de namoro e redes sociais, que têm contribuído para a superficialidade das interações humanas. Associando esses fatores, infere-se

que a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, apesar da distância temporal, funciona como um prenúncio, ao abordar na sua narrativa questões sociais referentes às volatilidades das relações interpessoais.

No contexto da literatura brasileira, é significativo apreciar questões atemporais, e este tema se apresenta como tal. Nessa direção, objetiva-se identificar, na narrativa machadiana, traços da fragilidade das relações amorosas do personagem Brás Cubas.

A referida pesquisa, em termos de metodologia, configura-se como uma pesquisa de caráter qualitativo, ou seja, trabalha com dados buscando seus significados. Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois se constitui de material já elaborado (Paiva, 2024). Além disso, parte-se também dos pressupostos de Durão (2020), ao afirmar que um texto não é um objeto inerte, ele ganha vida à medida que é lido. Em outras palavras, o texto possui um potencial que só é realizado através da interação com o leitor. Assim, a descoberta e a compreensão de um texto dependem da participação ativa do leitor, que traz suas próprias experiências e perspectivas para o ato de investigação.

A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é um clássico da literatura brasileira e, conforme Calvino (1993, p. 11), "um clássico nunca deixou de dizer aquilo que tinha para dizer". Nessa perspectiva, compreende-se o caráter de relevância contínua que a literatura clássica possui, dado que, apesar de séculos após sua publicação, continua oferecendo diálogos e interpretações com a realidade contemporânea, comprovando que ainda tem muito para dizer acerca das relações humanas.

2 Fluidez das relações

A metáfora da fluidez, que remete às características de líquidos e gases, revela a impermanência e a instabilidade das interações humanas, destacando uma constante adaptação às transformações sociais e culturais (Bauman, 2001). Tais mudanças refletem o impacto da lógica consumista e da transitoriedade emocional

nas vivências afetivas, desafiando os modelos tradicionais de vínculos e questionando o que realmente constitui um relacionamento duradouro em um mundo regido pela velocidade e superficialidade.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2004), em seu livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, discorre sobre a imprevisibilidade da capacidade de amar, seja este amor direcionado ao outro ou a si mesmo. Argumenta-se que, no cenário da modernidade líquida, as relações humanas são marcadas pela imprevisibilidade e pela fragilidade.

Conforme Bauman (2001), desde o início, a modernidade tem sido fluida, sendo seu maior passatempo o derretimento dos sólidos. Simultaneamente, Berman (1986, p. 11) complementa que "ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, tudo que é sólido desmancha no ar". Essas perspectivas ressaltam que a fluidez e a transitoriedade são marcas que impactam diretamente nas relações interpessoais, uma vez que se tornam mais efêmeras e condicionadas pela lógica da modernidade líquida, além disso, ilustram a volatilidade do mundo moderno, em que até os conceitos e vínculos considerados mais fixos e duradouros se desfazem diante das mudanças.

A capacidade de amar, seja esse amor voltado para os outros ou para si mesmo, tornou-se instável e incerta. A fluidez das relações modernas faz com que os vínculos sejam facilmente formados e desfeitos, gerando uma insegurança constante. A individualidade do ser humano, nesse contexto, é testada de maneira intensa. As pessoas buscam manter sua identidade e autonomia enquanto navegam por sentimentos que podem ser facilmente descartados. Dessa forma, a instabilidade emocional e a superficialidade das conexões amorosas colocam a individualidade à prova, pois exigem um equilíbrio delicado entre manter a própria identidade e ceder ao desejo de conexão emocional.

Sendo os seres humanos, seres sociais, destinados a compartilhar a vida com outras pessoas, os relacionamentos acabam habitando uma linha

tênue entre sonho e pesadelo: elevam-se os pares às alturas e, do mesmo modo, afunda-os em abismos emocionais. Analogamente aos relacionamentos de Brás Cubas, ecoam a transitoriedade e a superficialidade das paixões humanas, que, de um lado, buscam prazer e conveniência e, do outro, profundidade emocional. Neste viés, Bauman argumenta:

O acúmulo de experiências que o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois[...] o conhecimento que se amplia [...] é o conhecimento do amor como episódios intensos, curtos e impactantes desencadeados a priori de sua própria fragilidade e curta duração (2004, p. 11).

Posto isso, no mundo pós-moderno, vê-se a constante transitoriedade dos desejos, uma vez que o apaixonar-se e desapaixonar-se torna-se algo transitório. Assim sendo, é evidente a natureza fluida do amor, que, sendo marcado pela efemeridade, acaba estimulando as pessoas a buscarem acumular experiências, embora nem sempre sejam tão boas quanto se espera. Essa busca revela as inseguranças e fragilidades dos relacionamentos amorosos, bem como a satisfação instantânea.

As relações amorosas assumem a forma de "mercadorias que podem ser trocadas por outras, as quais se espera que agradem mais" (Bauman, 2004). Concomitantemente, Silva (2018, p. 125) afirma: "Em nosso mundo líquido moderno, estamos o tempo todo sendo surpreendidos. O que hoje parece correto e apropriado, amanhã pode se tornar equivocado fútil, fantasioso". Observa-se o caráter imprevisível da modernidade líquida, em que os valores e comportamentos estão em constante transformação. O que é visto como adequado em um momento logo pode ser considerado obsoleto. Conseqüentemente, essa instabilidade gera uma sensação de incerteza que pressiona os indivíduos a se adaptar e a buscar novas formas de satisfação temporária. Nessa ótica, Bourdieu destaca:

Necessidade tornada virtude, ele tende a transformar continuamente a necessidade em virtu-

de, levando a "escolhas" ajustadas à condição de que ele é o produto: como é bem visível em todos os casos em que, na sequência de uma mudança de posição social, as condições em que o *habitus* foi produzido não coincidem com as condições nas quais ele funciona e em que é possível isolar sua eficácia própria, o gosto, ou seja, gosta de necessidade ou gosta de luxo- e não uma baixa ou elevada renda - é que comanda as práticas objetivamente ajustadas a tais recursos. Ele é o que faz com que um indivíduo seja detentor do que gosta porque gosta do que tem, ou seja, as propriedades que lhe são atribuídas [...] (2007, p. 166).

Bourdieu expõe como os indivíduos adaptam seus gostos às suas condições sociais, vendo necessidade como virtude. Logo, com base nesses autores, percebemos que as relações amorosas são moldadas por forças estruturais que ultrapassam o indivíduo. Aponta-se para uma lógica de troca nas relações humanas. Metaforicamente, os relacionamentos se apresentam de maneira descartável, tal como um bem de consumo, em que sua validade expira quando não tem mais utilidade. Consoante a argumentação supracitada, Lewis (2017) define o amor necessidade, em que o ser amado é valorizado em relação às necessidades do outro. Dessa maneira, a durabilidade do amor depende da satisfação dessas necessidades.

Conforme Fromm (2000), o amor é o maior anseio humano, representando a busca pela superação da solidão e pela realização de uma união interpessoal significativa. Logo, o amor não é apenas um desejo, mas uma necessidade fundamental para a existência humana, cujo fracasso pode resultar em destruição emocional e social. Paralelamente, as ideias de Bauman e Fromm acerca do amor partem de uma inquietação humana em torno das necessidades de conexão, uma vez que mostram tensões entre o efêmero e o duradouro nas relações humanas. Nesse contexto, surge o sujeito contemporâneo caracterizado por sua identidade descentrada e imerso em uma realidade marcada pela transitoriedade. Segundo Silva:

O sujeito contemporâneo, por conta da sua identidade descentrada, vive perturbadamente essa busca pelo amor. Este sujeito solitário, por vivenciar, individualmente, socialmente, ex-

terna e internamente, uma realidade efêmera, perde-se, buscando, a qualquer custo, viver um "amor eterno", "sem limites", busca a satisfação, normalmente momentânea, desse sentimento que, na modernidade líquida, é absolutamente imaturo, ilusório e fugaz (2018, p. 128).

Assim sendo, esse indivíduo, solitário e instável, encontra-se perturbado. O amor, na contemporaneidade, se apresenta por meio de um sentimento frágil, ilusório e fugaz refletindo as tensões entre o duradouro almejado e o efêmero vivido. Essa dualidade revela o impacto das transformações sociais nas conexões humanas. Tal cenário reforça a necessidade de investigar as dinâmicas e os desafios das conexões interpessoais, a fim de compreender como os indivíduos lidam com a instabilidade e as tensões entre o desejo de profundidade emocional e a realidade das relações efêmeras.

3 O vazio do afeto: simbolizações do amor em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, os personagens descortinam a sociedade burguesa do século XIX. Entretanto, as personagens femininas, no que diz respeito às mulheres, são retratadas sob a ótica masculina. Logo, a sociedade da época, fortemente marcada pelo patriarcalismo, detinha na figura feminina a ideologia da submissão ao homem. De acordo com Gomes e Barros

A movimentação feminina ainda era restrita ao lar e seu lugar era ao lado do esposo, para quem deveria ser a fiel companheira e exemplar senhora do lar[...] não significa, portanto, que havia a homogeneização da figura feminina presa aos cuidados domésticos. Já era possível perceber uma movimentação, na Europa, das mulheres que articulavam seus desejos de trabalhar e viver livremente (2019, p. 70).

Apesar de predominar valores patriarcais, a figura feminina não era homogênea ou totalmente restrita ao âmbito doméstico. Visto que havia mudanças em curso, no que se refere ao papel da mulher, ainda que incipientes, os pequenos avanços já representavam um movimento significativo em direção à emancipação feminina. Por isso, a figura da mulher não se limitava apenas ao

ambiente doméstico, pelo contrário, começava a ganhar mais espaço. Nessa perspectiva, delinham-se as nuances das interações humanas nos relacionamentos do personagem Brás Cubas.

3.1 Linda Marcela

Desafiando as normas patriarcais da época, Marcela rompe com os padrões tradicionais impostos pela sociedade. A conduta de Marcela não era uma conduta de uma mulher que seguia os padrões que regiam a época, apresenta-se uma personagem que rompe com os ideais vigentes no momento em que ela diz "[...] segue-me — disse ela ao pajem. E eu seguia-a, tão pajem quanto o outro, como se a ordem fosse me dada, deixei-me ir namorado, vibrante [...]" (Assis, 2019, p. 74).

A declaração "segue-me", dita por Marcela ao pajem e assumida por Brás como um convite irresistível, marca a submissão imediata do protagonista à força do encanto da personagem, bem como marca as contradições, uma vez que a figura feminina representada por Marcela transita entre a mulher cortesã e a mulher autônoma. Esse encontro inicial estabelece o tom da relação entre os dois personagens.

No capítulo XV, intitulado "Marcela", o narrador já inicia dizendo que gastou trinta dias para ir do Rossio ao coração de Marcela. O tempo mencionado revela mais do que a velocidade ou a facilidade da conquista: indica o esforço calculado de Brás em alcançar seus objetivos emocionais.

Nesse ínterim, observam-se os primeiros indícios dos interesses que permeiam essa relação. O defunto-autor pontua que a relação entre Marcela e Brás Cubas teve duas fases, descritas por ele como "a fase consular e a fase imperial" (Assis, 2019, p. 78). Utilizando uma metáfora como recurso narrativo, são destacadas as dinâmicas de poder e interesse que permeiam o relacionamento – dado que a fase consular, ou seja, a fase inicial, é marcada pela diplomacia emocional.

Brás sabia que os interesses de Marcela não eram casuais, mas sim motivados pela possibilidade de lhe fornecer bens. Tanto é que ele próprio dizia que o universo era dele, mas não de graça. Em outro momento, ocorre o primeiro

conflito entre Marcela e Brás Cubas: "um dia, como eu lhe não pudesse dar certo colar, que ela vira num joalheiro, retorquiu-me que era um simples gracejo, que o nosso amor não precisava de tão vulgar estímulo" (Assis, 2019, p. 79).

É demonstrada, por Marcela, a habilidade de mascarar seus interesses por meio de palavras que aparentam despreendimento, mas que, na realidade, reforçam seu papel estratégico dentro da relação. Marcada tanto por emoções quanto por interesses materiais, é evidenciada a vulnerabilidade de Brás, que percebe o impacto da impossibilidade de atender os desejos materiais de Marcela.

No capítulo XVI, é exposta a verdade por trás do amor de Marcela, que estava, justamente, nos presentes que ela recebia de Brás Cubas: as sedas e as joias. O narrador evidencia como se davam os relacionamentos naquela época e denomina como o "universal comércio dos corações" (Assis, 2019, p. 82). Corroborando essa ideia, Leal (2022, p. 11) refere: "[...] a bela dama espanhola, amiga dos rapazes e do dinheiro, é um retrato fiel da verdadeira intenção que move as relações humanas. Fica exposta a relação amor/dinheiro, uma das primeiras lições da vida do narrador". Assim, fica exposta a visão mercantilista do amor e das relações pessoais, em que os sentimentos são frequentemente trocados ou sustentados por bens materiais.

No capítulo XVII, surge o sobressalto da relação entre os personagens, momento em que Brás Cubas reflete: "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis" (Assis, 2019, p. 83). Porém, os gastos exagerados de Brás Cubas acabam gerando problemas com sua família, pois seu pai já não financiava os caprichos do filho, e nem mesmo sua mãe, que desviava verba como podia, cedeu. Assim, chegou-se ao ponto em que os pais de Brás Cubas precisaram intervir na relação dos dois. Ao descobrir os gastos extravagantes do filho com joias e roupas para Marcela, o pai de Brás decide enviá-lo para a Europa.

É exposto o vínculo fortemente mediado pelo dinheiro e pelos presentes luxuosos que Brás oferecia para sustentar o afeto de Marcela. A di-

nâmica de poder e fragilidade emocional revela a incapacidade de Brás Cubas de lidar com a rejeição. Segundo Gomes e Barros (2019, p. 74), "fica evidente na narrativa que Marcela não queria ter com Brás nada sério e sequer lhe agradecia os presentes".

Partindo da metáfora de Bauman (2001) acerca do amor como uma mercadoria, um produto de consumo, Marcela é vista por Brás como um produto que precisa ser adquirido, consumido; tanto é que os adjetivos usados para referenciá-la evocam a imagem de produtos de consumo, que precisam ser consumidos, dispostos em prateleira: "linda marcela", "deslumbrante", "airosa e vistosa", "um corpo esbelto", "ondulante". A relação entre eles é mediada pelo desejo de consumir, considerando que "os produtos de consumo atraem e os refugos repelem" (Bauman, 2001, p. 12). Em contrapartida, Marcela demonstra na narrativa sua habilidade de manipular os desejos de Brás para atender seus próprios interesses, expondo, assim, a volatilidade da relação entre os personagens.

3.2 *Vênus manca, Eugênia*

No que tange à personagem Eugênia, observa-se que os primeiros indícios já surgem carregados de estereótipos, tanto é que o narrador nomeia o capítulo como a "flor da moita". Esse estereótipo agregado à personagem surge devido ao fatídico dia em que Brás encontrara sua mãe aos beijos com Vilaça, na moita, em sua casa. Eugênia é considerada uma filha ilegítima, bastarda, pelo narrador. Apesar disso, ele a caracteriza como uma mulher de "compostura de mulher casada" (Assis, 2019, p. 128).

Brás Cubas percebe em Eugênia uma postura de mulher casada, ou seja, ele a via como um "bom protótipo de mulher do lar" (Gomes; Barros, 2019, p. 75). Contudo, essa percepção logo foi desconsiderada ao descobrir que ela possuía uma deficiência física, conforme ela própria afirma, sendo coxa de nascença. Na fala de Brás Cubas isso é evidenciado: "O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa" (Assis, 2019, p.

136). Dessa forma, o enlace entre os personagens dura pouco e, como citado, percebe-se que os motivos que geram a brevidade desse relacionamento são de natureza social.

No capítulo XXXIII, intitulado "Bem aventurados os que não descem", é narrado o primeiro beijo entre os personagens e, em seguida, são expostos os motivos que justificam a brevidade do relacionamento:

Com efeito, foi no domingo esse primeiro beijo de Eugênia — o primeiro que nenhum outro varão jamais lhe tomara, e não furtado ou arrebatado, mas candidamente entregue, como um devedor honesto paga uma dívida. Pobre Eugênia! Se tu soubesse que ideias me vagavam pela mente fora naquela ocasião! Tu, trêmula de comoção, com os braços nos meus braços ombros, a contemplar em mim teu bem vindo esposo, e eu com os olhos em 1814, na moita, no Vilaça, e a suspeitar que não podias mentir ao teu sangue, à tua origem... (Assis, 2019, p. 138).

Por um lado, Eugênia serviria para o lar, mas não para os olhos da sociedade, pois era uma filha ilegítima, nascida fora do casamento, e também carregava o estigma do corpo, devido à sua deficiência física. Ainda assim, Brás nutria algum sentimento por Eugênia, cuja beleza era nítida, tanto que ele atribui o adjetivo de vênus, mas uma "vênus manca", "minha vênus manca".

No fim do capítulo XXXV, Brás Cubas justifica sua escolha em relação a Eugênia: "era justo obedecer a meu pai, que era conveniente abraçar a carreira política... que a constituição... que a minha noiva... que meu cavalo..." (Assis, 2019, p. 143). As justificativas de Brás Cubas para sua escolha em relação a Eugênia aparecem com uma crítica às convenções sociais da época, bem como revelam a superficialidade e o pragmatismo que guiavam suas decisões, especialmente no que diz respeito ao casamento. De acordo com Izidorio, Luciano e Luz,

A sociedade impunha às mulheres do século XIX, boa aparência e poder aquisitivo, e Eugênia não tinha nenhuma destas virtudes. Dadas às diferenças entre o casal, eles tinham objetivos opostos, pois para ela, bastava casar-se, e, para ele, de nada adiantaria casar-se sem tornar-se um homem público (2017, p. 293).

Embora Eugênia apresentasse características de uma mulher casada, não atendia aos pré-requisitos esperados pela sociedade da época. Por não atender a esses critérios, ela foi descartada, pois Brás ansiava pela ascensão social, seja por meio da política, seja por meio do casamento.

De acordo com Bourdieu (2007), os gostos, as preferências e escolhas individuais, incluindo as amorosas, são moldados pelas estruturas sociais e pelo *habitus*,² que é influenciado pelo capital social e cultural. Nessa perspectiva, o casamento, na narrativa, é apresentado como um arranjo estratégico mais voltado para a ascensão social, ou seja, as ambições são postas em primeira instância subordinando os sentimentos pessoais. Por isso, ao hesitar em casar-se com Eugênia, Brás cede à vontade do pai, buscando, dessa forma, sua ascensão social.

No capítulo XXXVI, Brás esboça o fim de seu enlace com Eugênia: "via a aleijadinha perder-se no horizonte do pretérito [...]" (Assis, 2019, p. 144). Em seguida, faz uma crítica à sociedade por meio de uma metáfora: "toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas" (Assis, 2019, p. 146). A metáfora demonstra o quanto as aparências, as convenções sociais e os bens materiais se sobressaem em contrapartida aos valores filosóficos ou espirituais, colocando em xeque as pretensões humanas de alcançar coisas práticas e tangíveis.

De igual modo, o narrador encerra o capítulo narrando o fim inevitável da personagem: "tu, minha Eugênia, é que não as descalçaste nunca; foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa, até que vieste também para esta outra margem" (Assis, 2019, p. 146). Diante de uma sociedade que limita suas possibilidades e a condena à marginalização, expõe-se a crueldade do século XIX que relegava mulheres como Eugênia a destinos sem grandeza, seja por meio da exclusão social devido sua condição física, seja pela rejeição amorosa.

3.3 *Virgília amada*

Foi o caso de amor mais longo de Brás Cubas. A relação entre os personagens ocorre devido ao interesse do pai em vê-lo ocupando um cargo na carreira política. "Trago dous projetos, um lugar de deputado e um casamento [...] era necessária a carreira política, dizia ele, [...] quanto à noiva, bastava que eu a visse; se a visse, iria logo pedi-la ao pai, logo, sem demora de um dia" (Assis, 2019, p. 118). Em seguida, é revelado, no capítulo XXVIII, que Virgília é filha de uma figura influente na política, o conselheiro Dutra. Assim, percebe-se que o maior interesse do pai de Brás era garantir sua ascensão social, assegurando a continuidade do legado da família Cubas, e, nesse caso, o caminho escolhido era o casamento.

No capítulo XXXVII, é mostrado o primeiro encontro dos personagens: "[...] fitei-a de certo modo [...] e o nosso olhar primeiro foi pura e simplesmente conjugal. No fim de um mês estávamos íntimos" (Assis, 2019, p. 147). O olhar inicial sugere que o envolvimento dos dois já carregava uma forte inclinação para algo mais íntimo. No capítulo XLIII, Brás Cubas é preterido, visto que surge Lobo Neves, um pretendente mais vantajoso: "Então apareceu Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais alto, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas" (Assis, 2019, p. 162).

Nessa direção, percebe-se que, distanciando-se do campo do amor, o casamento podia ser entendido como um arranjo ou negócio, no qual o que prevalecia era o interesse por *status* social. Virgília opta por um caminho de prestígio social. Conforme os pressupostos de Prevedello,

A perspicaz Virgília, no entanto, com sutileza se desprende das idealizações do pai de seu pretendente. Na ocasião em que Brás desce da Tijuca para encontrar aquela que, segundo imaginava, viria a ser sua futura esposa, defronta-se com Lobo Neves, o homem que, "num ímpeto cesariano" a conduz para si e vem a desposá-la. [...] Virgília, por sua vez, na adequada proporção que lhe convém, administrará com maestria o vôo da águia e a "espetacularidade" do pavão,

² O *habitus* é como um sistema de hábitos formado pelas experiências sociais e pelas condições de vida de uma pessoa, especialmente em relação a sua posição de classe (Bourdieu, 2007).

convergindo ao seu encontro os meandros do "amor" e da política (2011, p. 157).

Neste sentido, em vez de ser uma figura passiva no plano traçado por outros, Virgília subverte os ideais tradicionalmente atribuídos às mulheres na época. A personagem transita entre o amor e a política, revelando os interesses que frequentemente sobrepujam-se às relações humanas.

Dessa forma, reiterando os pressupostos de Bauman (2004, p. 11), "a série de eventos amorosos é o conhecimento do amor como episódios intensos, curtos, impactantes, desencadeados pela consciência a priori de sua própria fragilidade e curta duração". Na proposição de Bauman, as relações amorosas, ao serem condicionadas por interesses sociais e econômicos, perdem seu caráter duradouro e sublime; ademais, a sociedade molda o comportamento humano, especialmente no que tange aos laços afetivos.

Os personagens se debatem entre forças maiores: o desejo pessoal e as convenções impostas pela sociedade. Expõe-se o paradoxo entre o desejo de amar e a necessidade de se adequar às convenções sociais, evidenciando o conflito entre a liberdade individual e a pressão coletiva, dado que os personagens tendem a embarcar em relacionamentos mesmo cientes de sua transitoriedade (Bourdieu, 2007).

O amor entre os personagens nasce mais tarde em meio às escondidas: "um dia vimo-nos, tratamos o casamento, desfizemo-lo e separamo-nos, a frio, sem dor, porque não houvera paixão nenhuma [...] correm anos, torno a vê-la, damos três ou quatro giros de valsa, e eis-nos a amar um ao outro com delírio" (Assis, 2019, p. 195). De acordo com Ramos,

Eles estavam maduros o suficiente para se casarem, para amar, mas não possuíam maturidade suficiente para o amor deles. E qual tipo de amor era esse? O amor da nomeada, o amor pelo jogo de aparências. Tanto que os dois não sofrem ao terminar o namoro (2003, p. 130).

Assim, tendo tomado o caminho do prestígio social, sem estar satisfeita com o casamento, Virgília torna-se amante de Brás Cubas, buscando, assim, o amor que lhe faltava, mas sem

abdicar dos laços matrimoniais e de sua posição na sociedade.

Na visão de Bosi (2006, p. 128), "Virgília, a amante de Brás, não deixaria de dar, o tempo todo, primazia à consideração social e 'era menos escrupulosa que o marido': posto que rica, adulara um velho amigo da família, pois eram vivas 'as esperanças que trazia no legado". Dessa forma, a personagem desafia as expectativas sociais de uma mulher devota ao lar, que permanece na ordem doméstica do cuidado pelos filhos e pelo marido. Virgília quer o direito de escolher sem prejuízos, isso é confirmado no capítulo LXVII: "Virgília era capaz de iguais e grandes sacrifícios para conservar ambas as vantagens" (Assis, 2019, p. 228).

Vivendo à margem dos padrões estabelecidos, a personagem encontra no quase um espaço para experimentar o amor. No entanto, tudo acontece de maneira provisória e frágil, como se o destino conspirasse para impedir qualquer transformação significativa em sua condição (Gomes; Barros, 2019). Como mulher de sua época, sua posição permanece inalterada: grávida de Brás Cubas, perde o filho e, por estar casada, é obrigada a seguir o marido para onde ele for, privando-se de viver seu amor com Brás Cubas.

3.4 *Nhã-loló, moça graciosa*

Sabina, irmã de Brás Cubas, é responsável por apresentar D. Eulália, conhecida também por Nhã-loló. Considerando a idade avançada de Brás e sua solteirice, Sabina decide interferir na vida do irmão e o pressiona a casar: "Você precisa casar, mano. Também eu quero uma sobrinha, ouviu?" (Assis, 2019, p. 258). E depois: "Meu rico, quer você queira quer não há de casar com Nhã-loló" (Assis, 2019, p. 292). Nesse meio tempo, Brás Cubas ainda mantinha um caso com Virgília, mas, algum tempo depois, Virgília parte com Lobo Neves, seu marido, para este assumir a presidência da província de Minas.

Dessa forma, solitário e no auge dos seus quarenta e poucos anos, Brás alimentava o desejo de ser pai e, por isso, cede aos pedidos da irmã, consentindo no casamento com Nhã-loló.

“Sim, cumpria ser pai. A vida celibata podia ter certas vantagens próprias, mas seriam tênues [...] dispus-me a aceitar tudo, ainda a aliança do Damasceno” (Assis, 2019, p. 346). A decisão de Brás Cubas, mais uma vez permeada de interesses, desta vez não era movida pelo anseio de ascender socialmente, mas, sim, pelo desejo de ter um filho, ou seja, encontrava em Eulália a oportunidade de cumprir uma expectativa de continuidade familiar. Porém, Eulália também tinha interesses além dos matrimoniais, pois não pertencia a uma família abastada, logo, enxergava no casamento uma oportunidade de ascender à alta sociedade.

Chegara a temer que tal sogro me parecesse indigno [...] A vida elegante e polida atraía-a, principalmente porque lhe parecia o meio mais seguro de ajustar as nossas pessoas. Nhã -loló observava, imitava, adivinhava; ao mesmo tempo dava-se ao esforço de mascarar a inferioridade da família (Assis, 2019, p. 351).

Nhã-loló esforçava-se para mascarar a inferioridade de sua família diante da realidade que a cercava. Seu pai, Damasceno, não negava suas origens, tinha costume de andar e participar de eventos de apostas de galo nas ruas. Contudo, suas tentativas de imitar e ajustar-se ao “elegante e polido” mundo que deseja alcançar expõem o esforço constante para se adequar a padrões que, na verdade, não lhe pertenciam. Assim, Brás Cubas e Nhã-loló apresentam-se como personificadores das concessões feitas em nome da aceitação social e das ambições individuais.

No capítulo CXXV, é narrada a trágica morte de Eulália: acometida pela febre amarela, morre aos dezenove anos de idade. No capítulo CXXVI, denominado “Desconsolação”, é exposto que Brás não a amava: “Não digo mais nada, a não ser que a acompanhei até o último jazigo, e me despedi triste, mas sem lágrimas. Concluí que talvez não a amasse de veras” (Assis, 2019, p. 358). A ausência de um verdadeiro sentimento amoroso por Eulália não apenas destaca seu desinteresse, mas também reflete a natureza utilitária de suas relações, enquanto Eulália, pressionada pelo casamento por razões que envolvem expectativas sociais e econômicas, morre precocemente, revelando o

caráter efêmero da existência.

Embora ele a acompanhe até o jazigo, sua despedida é marcada pela indiferença, revelando, assim, o vazio emocional que caracteriza as relações de Brás Cubas. Esse distanciamento evidencia a superficialidade das conexões humanas, nas quais a busca por interesses próprios prevalece sobre os vínculos afetivos.

Nesse panorama de relações utilitárias e desconexas, reflete-se o papel feminino em uma sociedade patriarcal que instrumentaliza as mulheres para atender às expectativas familiares e sociais, relegando-as ao papel de peças descartáveis em um sistema que favorece os homens e seus interesses. Por essa perspectiva, Soares refere:

A vida de Cubas pode ser descrita como a busca desenfreada do sucesso em sociedade motivada pela loucura das ideias fixas, a trajetória de um arrivista da glória social que termina em um delírio, o qual, ironicamente é o seu momento de maior lucidez, ao ver-se perante a miséria da vida (2024, p. 300).

Conforme analisado, a trajetória de Brás Cubas evidencia o vazio existencial e a insensatez de uma vida pautada por ambições egocêntricas e superficiais. Observa-se que os relacionamentos amorosos na narrativa estão sempre permeados de interesses, e que, diversas vezes, a busca pela ascensão social prevalece. Sua busca incessante pela ascensão social, motivada por ideias fixas e marcada por interesses, culmina em um reconhecimento irônico da miséria inerente à própria existência.

4 Conclusão

As relações amorosas, na contemporaneidade, estão em constante transformação, moldadas por um contexto histórico e cultural dinâmico. A rápida obsolescência dos valores que orientam essas relações, decorrente de fatores como avanços tecnológicos, globalização e individualismo crescente, tem remodelado as experiências afetivas. Mediada frequentemente por ferramentas digitais, a vivência amorosa contemporânea apresenta oportunidades de conexão, mas também desafios como efemeridade e superficialidade

dos vínculos.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis explora a fragilidade das relações interpessoais, antecipando características da fluidez das relações descritas por Zygmunt Bauman (2001, 2004). Marcela simboliza o amor mercantilizado, em que emoções são subordinadas a interesses materiais e sociais. Eugênia, por sua vez, representa a marginalização de mulheres vulneráveis em uma sociedade patriarcal, subordinada aos estigmas de filhas ilegítimas e pessoas com deficiência. Virgília evidencia o conflito entre os desejos pessoais e as convenções sociais, transitando entre o amor e a política enquanto mantém sua posição social. Por fim, Nhã-loló, exemplifica a instrumentalização das mulheres, marcada por concessões em função de interesses familiares e sociais, culminando na efemeridade de suas aspirações devido à sua morte prematura.

Dessa forma, as relações vividas pelo protagonista refletem uma transitoriedade permeada por interesses individuais e sociais, dialogando diretamente com a perspectiva de Bauman sobre a modernidade líquida. Nesse contexto, vínculos frágeis substituem os compromissos sólidos, evidenciando o paradoxo entre aspirações pessoais e as pressões impostas pela coletividade. Em suma, a narrativa machadiana transcende seu tempo ao abordar questões que permanecem relevantes, ressaltando a fragilidade e o pragmatismo das relações humanas perante a volatilidade dos valores e as convenções sociais.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em Três Versões: estudos machadianos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução: Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. *Metodologia de pesquisa em literatura*. São Paulo: Parábola, 2020.
- FROMM, Erich. *A arte de amar*. Tradução: Milton Amado. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GOMES, Evellin Naianna Souza Oliveira; BARROS, Flávia Aninger de. Destinos sem grandeza: a trajetória trágica das mulheres em Memórias Póstumas de Brás Cubas. *Opiniões*, São Paulo, n. 14, p. 68-82, 2019. Disponível em: [10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2019.154955](https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2019.154955). Acesso em: 6 mar. 2025.
- IZIDORIO, Bárbara da Silva; LUCIANO, Suelen Francez Machado; LUZ, Vaniele Medeiros da. Personagens Femininas do Século XIX: Discursos sobre a mulher em Memórias Póstumas de Brás Cubas. *Revista Memorare*, Tubarão, v. 4, n. 3, p. 278-300, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.19177/memorare.v4e32017278-300>. Acesso em: 6 nov. 2024.
- LEAL, Luciana Brandão. Estudos sobre ironia em Memórias Póstumas de Brás Cubas: uma fenda na voz do narrador narcisista. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 15, p. 1-15, 2022.
- LEWIS, Clive Staples. *Os quatro amores*. Tradução: Estevan Kirschner. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Pesquisa, projeto, geração de dados e divulgação*. São Paulo: Parábola, 2024.
- PREVEDELLO, Tatiana. Inversões do paraíso: os guias dantescos em o primo Basílio e Memórias Póstumas de Brás Cubas. *Estação Literária*, [s. l.], v. 7, p. 151-161, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/el.2011v7.e25652>. Acesso em: 6 mar. 2025.
- RAMOS, Maria Celeste Tommasello. Machado & Svevo: os olhares sobre o amor lançados e despertados por Brás Cubas e Zeno Cosini. *Revista de Italianística*, São Paulo, n. 6-7, p. 125-140, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i6-7p125-140.p125-140>. Acesso em: 8 mar. 2025.
- SILVA, Dinair de Fonte. Além do ponto: o irremediável amor. *Jangada: crítica | literatura | artes*, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 123-144, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35921/jangada.v0i1.110>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- SOARES, Daniel Benevides. Uma filosofia do pessimismo nas Memórias Póstumas de Brás Cubas. *Revista Dialectus*, [s. l.], v. 33, n. 33, p. 277-311, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.30611/33n33id94059>. Acesso em: 3 out. 2024.

Maria Clara Firmino da Silva

Graduanda em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas (Uneal). Participou do Grupo de Estudos em Variação Linguística de Alagoas (Geval) e, atualmente, integra o Núcleo de Pesquisas em Estudos Literários, Artes e Ensino (Nelien). Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica (Pibic) 2023/2024 e, atualmente, é bolsista do Pibic 2024/2025, fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (Fapeal/Uneal – Brasil).

Helenice Fragoso dos Santos

Doutora em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Mestre em Estudos Literários em 2011 e graduada em Letras em 2009, ambos pela mesma instituição. Atualmente, ocupa o cargo de professora adjunta no curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas e desenvolve pesquisas sobre cultura e literatura popular alagoana, com ênfase na tradição literária de cordel.

Endereço para correspondência:

MARIA CLARA FIRMINO DA SILVA

Rodovia Eduardo Alves da Silva, s/n, Km 3, Graciliano Ramos, 57604-595

Palmeira dos Índios, Alagoas, Brasil

HELENICE FRAGOSO DOS SANTOS

Rodovia Eduardo Alves da Silva, s/n, Km 3, Graciliano Ramos, 57604-595

Palmeira dos Índios, Alagoas, Brasil

Como citar este artigo

Firmino da Silva, M. C., & Fragoso dos Santos, H. Ecos da modernidade: volatilidade amorosa em Memórias Póstumas de Brás Cubas. Letras De Hoje. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2025.148192>

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.